

EPICETETO: *DIATRIBES* I.7 E II.25 –  
RELAÇÃO ENTRE A LÓGICA  
E AS AÇÕES CONVENIENTES

Aldo Dinucci\*

\* Universidade Federal de  
Sergipe. Viva Vox. Archai.

**RESUMO:** Apresentamos aqui a tradução comentada de duas diatribes de Epicteto que tocam o tema da lógica, que lançam luz sobre a questão da importância prática dos estudos lógicos para os estoicos, já que, de acordo com o pensamento epicteteano, o homem, para bem agir, precisa deliberar, e a deliberação humana não pode prescindir da razão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epicteto, estoicismo, lógica, Diatribes.

EPICLETUS, *DIATRIBES* 1.7 AND II.25:  
RELATIONSHIP BETWEEN THE LOGIC  
AND THE APPROPRIATE ACTIONS

**ABSTRACT:** We present here the commented translations of two Epictetus' diatribes that touch the theme of logic, shedding light on the issue of the practical importance of logical studies to the Stoics, since, according to Epictetus, the human being, in order to well act, must deliberate, and human deliberation cannot exist without reason.

**KEYWORDS:** Epictetus, stoicism, logic, discourses.

**E**piceteto, um dos grandes nomes do Estoicismo Imperial, entre os quais se incluem Sêneca, Musônio Rufo e Marco Aurélio, nasceu no ano 55, em Hierápolis, na Frígia, e morreu por volta de 135, em Nicópolis, antiga cidade localizada na entrada do Golfo Ambraciano, no Épiro. Filho de uma serva, recebeu um nome que era comumente dado a servos na Antiguidade e que significa 'adquirido'. Epicteto mesmo nada escreveu.

Tal tarefa coube a Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, cidadão romano de origem grega, que compilou (possivelmente com auxílio da taquigrafia) suas aulas em oito livros (*As Diatribes de Epicteto*), dos quais quatro sobrevivem, e constituiu o *Encheiridion de Epicteto*, um breviário de princípios morais epicteteanos.

As seguintes diatribes, extraídas das *Diatribes de Epicteto*, são relevantes no que se refere à importância moral que o Estoicismo (e, particularmente, Epicteto) confere aos estudos lógicos. De fato, Diógenes Laércio nos informa que, para os estoicos, a própria lógica (*dialektiké*) é uma excelência (*areté* — cf. *Vida dos Filósofos Ilustres*, 7.46.48), que se subdivide em cinco outras: *aprōptosía* (a ausência de precipitação no juízo<sup>1</sup>); *aneikaiótēs* (cautela ou discrição em relação ao que parece provável (*eikós*) em um determinado momento<sup>2</sup>); *anelenxia* (irrefutabilidade relativa à força no argumento); *amataiótēs* (fervor ou ausência de frivolidade relativos ao hábito de submeter as representações à razão).<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Cf. Epicteto, *Diatribes*, 2.8.29.3.

<sup>2</sup> Cf. Epicteto, *Diatribes*, 3.2.3.4.

<sup>3</sup> Cf. Epicteto, *Diatribes*, 1.9.31.1.

Na primeira diatribe cuja tradução apresentamos, Epicteto, confrontado a questão: “Por que devemos estudar lógica?”, replica que até para compreender a resposta a essa questão o indagador tem de conhecer lógica, pois a resposta seria na forma de um argumento – e apenas com conhecimento de lógica pode-se distinguir entre argumentos cogentes e falaciosos.

Na segunda diatribe, Epicteto, desenvolvendo o tema da diatribe supracitada, fala dos estudos lógicos em relação às ações convenientes (*tá kathēkonta*). Em linhas gerais, a argumentação é a seguinte: quando ouvindo argumentos ou dialogando, é preciso que o sábio (o filósofo ideal), como em toda outra ocasião, aja convenientemente e não ao acaso. Porém, para agir convenientemente nessas situações, é preciso que o sábio disponha de conhecimentos lógicos, sem os quais não poderá distinguir entre um argumento cogente e um falacioso, nem poderá oferecer demonstrações, nem seguir as que forem apresentadas. Consequentemente, para agir de modo conveniente em tais situações, é

preciso que o sábio aja amparado pela lógica. Assim, mesmo o sábio tem de estudar lógica – e, por outro lado, não se pode ser verdadeiramente sábio (i.e. capaz de, em toda ocasião, agir convenientemente) sem conhecimentos lógicos.

Essas diatribes nos são importantes por dois motivos. Em primeiro lugar, lançam luz sobre a questão da importância prática dos estudos lógicos, já que, de acordo com o pensamento epicteteano, o homem, para bem agir, precisa deliberar, e a deliberação humana, ainda que comporte elementos intuitivos ou de alguma forma não racionais, não pode prescindir da razão, não pode se dar separadamente do bem pensar – e a lógica se dedica a estudar essas regras do pensamento reto.

Em segundo lugar, a partir sobretudo da diatribe 1.7, podemos constituir um glossário de termos técnicos da lógica proposicional estoica, bem como observar a menção a certos tipos de argumentos que eram estudados pelos lógicos estoicos, sobre os quais hoje pouco sabemos e que são, por isso, matéria de investigação atual. Tais termos técnicos são apontados nas notas.

Realizamos a tradução diretamente a partir do texto grego e, a seguir, cotejamos nosso trabalho com as melhores traduções disponíveis das *Diatribes de Epicteto*, dando especial atenção às de Barnes (1997) e de Souilhé (1962).

## DIATRIBE II.25 - QUÃO NECESSÁRIA É A LÓGICA:

- (1) Quando algum dos presentes disse:  
 – Persuade-me de que a lógica é útil.  
 – Queres, disse Epicteto, que te demonstre isso?  
 (2) – Sim!  
 – Portanto, é-me preciso selecionar um argumento demonstrativo<sup>4</sup>?  
 Quando o outro concordou, <Epicteto disse>:  
 – E como saberás se eu te apresentar um sofisma<sup>5</sup>?  
 (3) Quando o homem se calou, Epicteto disse:  
 – Vês como tu mesmo concordas que a lógica é necessária, já que sem ela não é possível saber se é necessária ou não.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> *Lógon apodeiktikón.*

<sup>5</sup> *Se sophisōmai.*

<sup>6</sup> Barnes (1997, p. 59) observa que esse argumento segue o modelo que aparece no *Protréptico* de Aristóteles (cf. Afrodísias, *Comentário aos Tópicos*, 149.9-17): “É preciso estudar filosofia ou não; mas, para determinar se não é preciso estudar filosofia, deve-se estudar filosofia; logo, deve-se estudar filosofia”.

<sup>7</sup> *kathékontos*: a expressão *tá kathékonta* (do verbo *kathéko*, que significa primariamente “ser apropriado”, “ser adequado”) é o termo técnico estoico para as ações conformes à natureza (razão), ações que são convenientes em cada caso. As ações convenientes assim o são por não ferirem a razão do agente e permitirem a ele manter-se não agitado em toda circunstância.

<sup>8</sup> *Metaptóntes lógoi*: “Argumentos que se modificam”. Seguimos aqui Barnes (1997, p. 136). Outras opções: “argumentos sofisticados” (Long); “argumentos equívocos” (Oldfather (2000), Souilhé (2002)). Diógenes Laércio se refere a dois livros de Crisipo acerca de tais argumentos (Diógenes Laércio, 7.195-196); Sexto Empírico oferece o que talvez seja um exemplo deles (*Esboços de Pirronismo*, 2. 231; 234). Entretanto, somente em Epicteto vemos referência explícita a eles.

<sup>9</sup> Aparentemente, uma classe de argumentos estudados pelos estoicos. Schweighäuser (1799 (2), p. 103-4) crê referir-se ao Sorites. Hadot (1978, p. 69, nota 15) crê tratar-se de argumentos dialéticos; Atherton (1993, p. 433-434), de um tipo de sofisma (cf. Diógenes Laércio, 7, 44); Barnes (1997, p. 137) especula serem argumentos que possuem questões entre as premissas (cf. Diógenes Laércio 7, 191).

<sup>10</sup> *Kalós kai agathòs*.

<sup>11</sup> *Erótēsín kaí apókrisin*: frase padrão usada para distinguir a dialética da retórica. Cf. Alexandre de Afrodisias, *Comentário aos Tópicos*, 5.7-9.

<sup>12</sup> *Eikéi*: Barnes (1997, p. 138) observa que esse advérbio “é usado de modo padrão para caracterizar o

## ὡς ἀναγκαῖα τὰ λογικά.

Τῶν παρόντων δέ τινος εἰπόντος Πείσόν με, ὅτι τὰ λογικά χρήσιμά ἐστιν, Θέλεις, ἔφη, ἀποδείξω σοι τοῦτο; (2) { – } Ναί. { – } Οὐκοῦν λόγον μὲ ἀποδεικτικὸν διαλεχθῆναι δεῖ; { – } Ὁμολογήσαντος δὲ Πόθεν οὖν εἶσι, ἂν σε (3) σοφίσωμαι; { – } Σιωπήσαντος δὲ τοῦ ἀνθρώπου Ὁρᾶς, ἔφη, πῶς αὐτὸς ὁμολογεῖς ὅτι ταῦτα ἀναγκαῖά ἐστιν, εἰ χωρὶς αὐτῶν οὐδ’ αὐτὸ τοῦτο δύνασαι μαθεῖν, πότερον ἀναγκαῖα ἢ οὐκ ἀναγκαῖά ἐστιν.

### DIATRIBE I.7 – SOBRE A UTILIDADE DOS ARGUMENTOS QUE SE MODIFICAM, DOS HIPOTÉTICOS E DOS SEMELHANTES:

(1) Escapa ao conhecimento de muitos que é sobre o que é conveniente<sup>7</sup> o estudo acerca dos argumentos que se modificam<sup>8</sup> e dos hipotéticos, e ainda acerca dos que chegam a uma conclusão por questionamento<sup>9</sup> e, em geral, todos os argumentos tais. (2) Pois buscamos como, sobre todo assunto, o homem bom e belo<sup>10</sup> pode descobrir uma via e, nesta, a conduta conveniente. (3) Portanto, que digam ou que o homem virtuoso não se envolverá em perguntas e respostas<sup>11</sup>, ou, se envolver-se, não cuidará de não se conduzir sem plano<sup>12</sup> ou ao acaso. (4) Ou, não aceitando nenhuma dessas <alternativas>, é necessário concordar que alguma investigação deve ser feita sobre os tópicos acerca dos quais sobretudo recaem perguntas e repostas. (5) Pois qual é o propósito nos raciocínios? Afirmar o verdadeiro, negar o falso, suspender o juízo em relação às coisas obscuras.<sup>13</sup> (6) Basta, então, aprender somente isso?

– Basta, diz <alguém>.

– Portanto, também basta, ao que anseia não errar no uso do dinheiro, ouvir: “Aceita as dracmas verdadeiras, mas rejeita as falsas”?

– Não basta.

(7) O que então é preciso acrescentar a isso? Que outra coisa senão a capacidade própria para testar e distinguir entre as dracmas genuínas e as que não o são? (8) Portanto, também para o pensamento não basta o que foi dito, mas é <também> necessário tornar-se capaz de testar e distinguir<sup>14</sup> entre o verdadeiro e o falso e o obscuro?

– É necessário.

(9) – O que se ordena em <matéria de> pensamento em relação a essas coisas? Seguir a consequência<sup>15</sup> das premissas<sup>16</sup> (10) que aceitaste<sup>17</sup> corretamente. Então basta conhecer isso? Não basta, é preciso aprender como uma consequência advém de outras, e quando uma é consequência de uma <coisa> e quando é consequência de muitas em conjunto. (11) Então não é necessário adquirir esse conhecimento quem quiser lidar inteligentemente em <matéria de> pensamento e também demonstrar<sup>18</sup> cada uma das coisas expostas, seguir as demonstrações e não ser enganado pelos que sofismam como <se estivessem> demonstrando <algo>?

(12) Portanto, surgiram entre nós e tornaram-se necessários um estudo e uma prática acerca dos argumentos cogentes<sup>19</sup> e seus modos.<sup>20</sup> (13) Mas há momentos em que aceitamos corretamente as premissas<sup>21</sup> e tal ou qual <conclusão> resulta a partir delas: <embora> sendo falsa, ainda assim resulta. (14) Então o que me convém fazer?<sup>22</sup> (15) Aceitar<sup>23</sup> o falso? Como isso é possível? Direi que “Não aceitei corretamente<sup>24</sup> o que foi acordado”? Certamente isso também não me é dado. E ainda: “Isso não segue<sup>25</sup> das coisas aceitas”? Mas também isso não me é dado.

(16) O que fazer então em relação a essas coisas? Assim como certamente não basta, para se dever dinheiro, tê-lo tomado emprestado, mas é necessário devê-lo a alguém que espera pelo pagamento da dívida e não a anula, assim também, em referência ao ser preciso aceitar uma conclusão,<sup>26</sup> não basta ter tomado as premissas, mas é preciso permanecer aceitando-as.

(17) E se essas <premissas> mantêm-se as mesmas até o fim como foram aceitas, é-nos absolutamente necessário permanecer aceitando-as e aceitar a consequência delas, (18) <mas, não permanecendo, não é preciso aceitá-las<sup>27</sup>>. (19) Pois o que segue não é para nós a conclusão, já que descartamos a aceitação das premissas.

(20) Então nos é preciso examinar<sup>28</sup> também, entre as premissas, as de tal qualidade, bem como a transformação e a modificação delas, em razão do que as premissas, sofrendo mudanças durante perguntas e respostas, ou no silogizar, ou em algum outro <argumento> de tal qualidade, produzem aversão<sup>29</sup> nos ignorantes quando estes não preveem a conclusão.

(21) Por que <é preciso estudar essas mudanças>? Para que, nesse tópico, não nos comportemos de modo inconveniente, nem ao acaso, nem de modo confuso.

modo pelo qual o filósofo não deveria falar ou agir” (Cf. *Aristóteles*, *Metafísica*, 984 b 17; Alexandre de Afrodisias, *Comentário aos Primeiros Analíticos*, 3.24-30).

<sup>13</sup> *Tithēmi* no sentido de afirmar, em oposição a *atrō* (negar).

<sup>14</sup> Epicteto faz aqui alusão à concepção padrão de lógica dos estoicos (Cf. Diógenes Laércio, 7.62; Sexto, *Esboços de Pirronismo*, 2.94; *Adversus Mathematicos*, 11.187).

<sup>15</sup> *Tō akólouthon*.

<sup>16</sup> “Premissas” aqui traduz *dothēsin*: particípio aoristo passivo neutro dativo plural de *didomi* (dar). Aqui, *dothēsin* significa literalmente “as coisas dadas”, referindo-se às proposições aceitas durante um diálogo a partir das quais se deduz uma conclusão.

<sup>17</sup> *Paradēchou*: imperfeito indicativo médio, 2a. do singular de *paradēchomai* (receber, admitir, aceitar).

<sup>18</sup> *Apodeixein*.

<sup>19</sup> *Synágō*, na lógica antiga, significa “concluir a partir de premissas”, “inferir”, “provar” (cf. Aristóteles, *Retórica*, 1357a8, 1395b25; *Metafísica*, 1042a3, *Política*, 1299b12); *synágontes lógoi*, na lógica estoica, significa “argumentos cogentes” (Cf. *Stoicorum Veterum Fragmenta*, 2.77).

<sup>20</sup> *trópōn*: genitivo plural de *trópos*: termo estoico para esquema argumentativo (Cf. Diógenes Laércio, VII, 76; Sexto, *Adversus Mathematicos*, 8, 227).

<sup>21</sup> *Tá lémmata*.

<sup>22</sup> *Ti oun moi kathēkei poiēin*;

<sup>23</sup> *Prosdechesthai*.

<sup>24</sup> *Hygiós*.

<sup>25</sup> *Symbainēi*: terceira do singular do presente indicativo ativo de *symbainō*, verbo que, aplicado a conclusões lógicas, significa “resultar”, “seguir” (cf. Aristóteles, *Tópicos*, 156b38).

<sup>26</sup> *Tó epipherómenon*: particípio presente passivo neutro de *epiphéroō*, que, na lógica, significa “asserir como uma conclusão ou inferência” (cf. *tó légōn, tó loipón*: *Stoicorum Veterum Fragmenta*, 2.80). No particípio, tal como aparece no texto, significa a “conclusão que segue de premissas” (Cf. *Stoicorum Veterum Fragmenta*, 2.89).

<sup>27</sup> Lacuna do texto. Seguimos aqui a conjectura de Jonathan Barnes: “*Mé menónōn dé, ou dei prosdéchesthai*” (1997, p. 142).

<sup>28</sup> *Historéai*: infinitivo aoristo de *historéō*, que significa “inquirir, examinar, observar”.

<sup>29</sup> *Aphorménē*.

<sup>30</sup> *Aitēai*: infinitivo aoristo de *aitéō*, que, na lógica clássica, significa “postular”, “assumir” (cf. Aristóteles, *Primeiros Analíticos*, 41b9; *Tópicos*, 163a6).

<sup>31</sup> Lacuna suprida que foi suprida por Wolf (1560-3) com as palavras *Peri tinos hē sképsis*: *Peri kathékontos* (“acerca do que é a investigação? Acerca do que é conveniente”). Seguimos Barnes suprimindo-a (1997, p. 133, p. 132-135), pois nada acrescenta ao que está sendo dito no texto.

<sup>32</sup> *Tá machómēna*: particípio presente passivo neutro plural de *máchomai* (lutar). Na lógica estoica são ditas “conflitantes” as proposições (*axiómata*) contraditórias.

<sup>33</sup> *Phrónimos*: essa é a designação estoica padrão para “sábio”, assim como *sóphos* e *spoudaios*.

<sup>34</sup> *Exétasis*.

(22) Dá-se o mesmo em relação às hipóteses e aos argumentos hipotéticos, pois às vezes é necessário postular<sup>30</sup> alguma hipótese como degrau para o argumento seguinte. (23) Então é para se aceitar toda hipótese que nos é apresentada? Ou nem toda? E se nem toda, quais?<sup>31</sup> (24) E, ao se aceitar <uma hipótese>, é preciso agarrar-se de modo absoluto ao que foi aceito ou às vezes é preciso descartá-lo? Não é preciso aceitar as consequências e rejeitar as <proposições> que entram em conflito<sup>32</sup> com elas?

– Sim.

(25) Mas alguém diz: “Farei com que, aceitando uma hipótese possível, seja levado a uma impossibilidade”. O sábio<sup>33</sup> não se envolverá com alguém assim, mas evitará o escrutínio<sup>34</sup> e o diálogo<sup>35</sup> filosófico? (26) E que outro homem é capaz<sup>36</sup> em <matéria de> pensamento e competente em perguntas e respostas e, por Zeus, impossível de ser enganado<sup>37</sup> e insofismável? (27) Ou envolver-se-á <e> não evitará comportar-se ao acaso ou de modo confuso nos raciocínios? Será ainda tal como o concebemos? (28) Sem tal exercício e tal preparo,<sup>38</sup> será capaz de ater-se às consequências<sup>39</sup>? (29) Que eles demonstrem isso, e o homem prudente porá de lado todos esses teoremas como fossem absurdos e não decorrentes da concepção<sup>40</sup> de homem probo e sério.<sup>41</sup>

(30) Por que somos ainda preguiçosos, descuidados e lerdos e buscamos pretextos para não nos fatigarmos nem velarmos cultivando a nossa própria razão? (31) “Mas se eu me confundir nessas coisas não matarei meu pai, não é mesmo?” “Prisioneiro, onde, aí, está o teu pai, para que o mates? O que fizeste? (32) O único erro que há nesse assunto, tu o cometes”. Pois te digo o mesmo que eu disse a Rufo quando me criticou porque não descobri o que estava omitido em um silogismo:<sup>42</sup> “Com certeza – disse eu – não é como se eu tivesse posto fogo no Capitólio”<sup>43</sup>. E ele me disse: “Prisioneiro, a omissão aqui é o Capitólio”. (33) Ou somente são erros incendiar o Capitólio e matar o pai, mas servir-se das próprias representações<sup>44</sup> ao acaso e de modo confuso e não seguir um raciocínio, nem uma demonstração, nem um sofisma, nem, em resumo, perceber em perguntas e respostas o que está e o que não está de acordo consigo mesmo<sup>45</sup> – nenhuma dessas coisas é um erro?

## Περὶ τῆς χρείας τῶν μεταπιπτόντων καὶ ὑποθετικῶν καὶ τῶν ὁμοίων.

Ἡ περὶ τοὺς μεταπίπτοντας καὶ ὑποθετικούς, ἔτι δὲ ἠρωτῆσθαι περαίνοντας καὶ πάντας ἀπλῶς τοὺς τοιούτους λόγους πραγματεία λανθάνει τοὺς πολλοὺς περὶ (2) καθήλκοντος οὐσα. ζητοῦμεν γὰρ ἐπὶ πάσης ἕλης πῶς ἂν εὐρ[ο]οὶ ὁ καλὸς καὶ ἀγαθὸς τὴν διέξοδον καὶ ἀναστροφὴν (3) τὴν ἐν αὐτῇ καθήκουσαν. οὐκοῦν ἢ τοῦτο λεγέτωσαν, ὅτι οὐ συγκαθήσει εἰς ἐρώτησιν καὶ ἀπόκρισιν ὁ σπουδαῖος ἢ ὅτι συγκαθεῖς οὐκ ἐπιμελήσεται τοῦ μὴ εἰκῆ μηδ' ὡς ἔτυχεν (4) ἐν ἐρωτήσει καὶ ἀποκρίσει ἀναστρέφεισθαι, [μ]ῆ τούτων μηδέτερον προσδεχομένοις ἀναγκαῖον ὁμολογεῖν, ὅτι ἐπίσκεψιν τινα ποιητέον τῶν τόπων μηδέτερον προσδεχομένοις ἀναγκαῖον ὁμολογεῖν, ὅτι ἐπίσκεψιν τινα ποιητέον τῶν τόπων τούτων, περὶ οὓς (5) μάλιστα στρέφεται ἐρώτησις καὶ ἀπόκρισις. τί γὰρ ἐπαγγέλλεται ἐν λόγῳ; τάληθῃ τιθέσθαι, τὰ ψευδῆ αἶρειν, <πρὸς> (6) τὰ ἄδηλα ἐπέχειν. ἄρ' οὖν ἀρκεῖ τοῦτο μόνον μαθεῖν; { – } Ἄρκεῖ, φησίν. { – } οὐκοῦν καὶ τῷ βουλομένῳ ἐν χρήσει νομίσματος μὴ διαπίπτειν ἀρκεῖ τοῦτο ἀκοῦσαι, διὰ τί τὰς μὲν δοκίμους δραχμὰς παραδέχη, τὰς δ' ἀδοκίμους (7) ἀποδοκιμάζεις; { – } οὐκ ἀρκεῖ. { – } Τί οὖν δεῖ τούτῳ προσλαβεῖν; τί γὰρ ἄλλο ἢ δύναμιν δοκιμαστικὴν τε καὶ <δι>ακριτικὴν τῶν δοκίμων τε καὶ ἀδοκίμων δραχμῶν; (8) οὐκοῦν καὶ ἐπὶ λόγου οὐκ ἀρκεῖ τὸ λεχθέν, ἀλλ' ἀνάγκη δοκιμαστικὸν γενέσθαι καὶ διακριτικὸν τοῦ ἀληθοῦς καὶ (9) τοῦ ψεύδους καὶ τοῦ ἀδηλοῦ; { – } Ἀνάγκη. { – } Ἐπὶ τούτοις τί παραγγέλλεται ἐν λόγῳ; τὸ ἀκόλουθον τοῖς (10) δοθεῖσιν ὑπὸ σοῦ καλῶς παραδέχου. ἄγε ἀρκεῖ οὖν κἀνταῦθα γνῶναι τοῦτο; οὐκ ἀρκεῖ, δεῖ δὲ μαθεῖν πῶς τί τισιν ἀκόλουθον γίνεται καὶ ποτὲ μὲν ἐν ἐνὶ ἀκολουθεῖ, (11) ποτὲ δὲ πλείοσιν κοινῇ. μὴ ποτε οὖν καὶ τοῦτο ἀνάγκη προσλαβεῖν τὸν μέλλοντα ἐν λόγῳ συνετῶς ἀναστραφήσεσθαι καὶ αὐτόν τ' ἀποδειξείν ἕκαστα ἀποδόντα καὶ τοῖς ἀποδεικνύουσι παρακολουθήσειν μηδ' ὑπὸ τῶν (11) σοφισζομένων διαπλανηθήσεσθαι ὡς ἀποδεικνύοντων; (12) οὐκοῦν ἐλήλυθεν ἡμῖν περὶ τῶν συναγόντων λόγων καὶ τρόπων πραγματεία καὶ γυμνασία καὶ ἀναγκαῖα πέφηεν. (13) Ἄλλὰ δὴ ἔστιν ἐφ' ὧν δεδωκάμεν ὑγιῶς τὰ λήμματα καὶ συμβαίνει τουτὶ ἐξ αὐτῶν ψεύδος δὲ ὄν οὐδὲν (14) ἦττον συμβαίνει. τί οὖν μοι καθήκει ποιεῖν; προσδέχεσθαι (15) τὸ ψεύδος; καὶ πῶς οἶόν τ'; ἀλλὰ λέγειν ὅτι οὐχ ὑγιῶς παρεχώρησα τὰ

<sup>35</sup> *Koinologia*: “consulta”, “discussão”, “conferência”, “diálogo”.

<sup>36</sup> *Chrestikós*: adjetivo derivado de *chráomai* que, quando aplicado a pessoas, significa: “aquele que sabe usar”, “que compreende o uso de”.

<sup>37</sup> *Anexapátetos* (Cf. Aristóteles, *Tópicos*, 132a32).

<sup>38</sup> *Paraskeuḗ*.

<sup>39</sup> *Phyláttein* [...] *tò hexēs*: Dobbin traduz a frase por “can he maintain coherence in argument?”. Souilhé, por sua vez, a traduz por “est-il capable de raisonner logiquement?” Schweighäuser (1799 (3), p. 320; cf. I.7.22) diz-nos que a expressão significa “id quod consequens est tenere” – i.e. “ater-se a isso que segue”.

<sup>40</sup> *Prólēpsis*.

<sup>41</sup> *Spondaios*: “vir probus et gravis” (Schweighäuser, 1799 (3), p. 443). Souilhé (1962) traduz o termo por “sage”; Dobbin (2008), por “good man”; Barnes (1997), por “virtuous man”.

<sup>42</sup> *Tò paraleipómenon hén em syllogismōi tini ouch beuriskon*: provavelmente o exercício lógico de descobrir as premissas não explícitas de um entimema (Cf. Alexandre de Afrodisias, *Comentário aos Tópicos*, 9.16; Simplicio, *Comentário ao Encheiridion*, XXXV 527; cf. também *paraleipsis* (“omissão”) em Sexto, *Esboços de Pirronismo*, II, 150).

<sup>43</sup> De acordo com Upton (apud Schweighäuser, 1799 (2), p. 120), esse era um exemplo padrão (*tópos*) para “grande erro”.

<sup>44</sup> A noção de *phantasia* é de fundamental importância para a compreensão da filosofia estoica por relacionar-se tanto

a questões lógicas quanto epistemológicas e éticas. Entretanto, os comentaristas divergem sobre como traduzir o termo: Lesse (1998, p. 2-24), Julia Annas (1991) e Richard Sorabji (1990, p. 307-314) traduzem *phantasia* por “aparência” (*appearance*); Michael Frede (1983, p. 65-93) e Long e Sedley (1987) empregam o termo “impressão” (*impression*); Brad Inwood e L.P. Gerson (*Hellenistic Philosophy: Introductory Readings*. Indianapolis: Hackett Publishing Co., 1988) optam por “apresentação” (*presentation*); Anthony Long (1991, p. 102-120) usa o termo “representação” (*representation*), substituindo sua tradução anterior, “impressão” (*impression*) para evitar confusão com o conceito humeano homônimo. Embora tanto Cleanto quanto Crisipo considerem a *phantasia* uma modificação da faculdade diretiva, eles divergem ao explicar essa mudança. Para Lesse (1998, p. 6), Crisipo parece criticar Cleanto por aceitar uma concepção ingênua de representação mental, segundo a qual as *phantasiai* perceptivas são cópias de qualidades que os objetos representados possuem (cf. Diógenes Laércio, 7.50.4). Além disso, Annas (1991, p. 74-75) compreende estar implicado nas observações de Crisipo que as *phantasiai* são proposicionais ou articuláveis em forma linguística. Ora, quanto às alternativas para traduzirmos o termo *phantasia*, parece-nos que *impressão* está mais próximo de Cleanto que de Crisipo, pois a metáfora utilizada por Cleanto para introduzir o conceito em questão é justamente à da impressão sobre a cera, metáfora que é criticada por Crisipo por seu caráter imagético. A concepção

ωμολογημένα; καὶ μὴν οὐδὲ τοῦτο δίδοται. ἀλλ’ ὅτι οὐ συμβαίνει διὰ τῶν παρακεχωρημένων; (16) ἀλλ’ οὐδὲ τοῦτο δίδοται. τί οὖν ἐπὶ τούτων ποιητέον; ἢ μή ποτε ὡς ἀρκεῖ τὸ δανείσασθαι πρὸς τὸ ἔτι ὀφείλιν, ἀλλὰ δεῖ προσεῖναι καὶ τὸ ἐπιμένειν ἐπὶ τοῦδανείου καὶ μὴ διαλελύσθαι αὐτό, οὕτως οὐκ ἀρκεῖ πρὸς (16) τὸ δεῖν παραχωρεῖν τὸ ἐπιφερόμενον τὸ δεδωκέναι τὰ λήμματα, δεῖ δ’ ἐπιμένειν ἐπὶ τῆς παραχωρήσεως αὐτῶν. (17) καὶ δὴ μενόντων μὲν αὐτῶν εἰς τέλος ὅποια παρεχωρήθη πᾶσα ἀνάγκη ἡμᾶς ἐπὶ παραχωρήσεως ἐπιμένειν καὶ τὸ ἀκόλουθον αὐτοῖς προσδέχεσθαι [...] οὐδὲ γὰρ ἡμῖν ἔτι οὐδὲ καθ’ ἡμᾶς συμβαίνει τοῦτο τὸ ἐπιφερόμενον, ἐπειδὴ τῆς συγχωρήσεως τῶν λημμάτων ἀπέστημεν. (20) δεῖ οὖν καὶ τὰ τοιαῦτα τῶν λημμάτων ἱστορήσαι καὶ τὴν τοιαύτην μεταβολὴν τε καὶ μετάπτωσιν αὐτῶν, καθ’ ἣν ἐν αὐτῇ τῇ ἐρωτήσει ἢ τῇ ἀποκρίσει ἢ τινι ἄλλῳ † λαμβάνοντα τὰς μετάπτω<ε>ις (20) ἀφορμὴν παρέχει τοῖς ἀνοήτοις τοῦ ταράσσεσθαι μὴ βλέπουσι τὸ ἀκόλουθον. τίνος ἕνεκα; ἢ ἐν τῷ τόπῳ (21) τούτῳ μὴ παρὰ τὸ καθήκον μὴδ’ εἰκὴ μὴδὲ συγκεχυμένως ἀναστρεφώμεθα. (22) Καὶ τὸ αὐτὸ ἐπὶ τε τῶν ὑποθέσεων καὶ τῶν ὑποθετικῶν λόγων. ἀναγκαῖοι γὰρ ἔστιν ὅτ’ αἰτῆσαι τινα (23) ὑπόθεδιν ὡδπερ ἐπιβάθραν τῷ ἐξῆς λόγῳ. πᾶσαν οὖν τὴν δοθεῖσαν παραχωρητέον ἢ οὐ πᾶσαν; καὶ εἰ οὐ (24) πᾶσαν, τίνα; [περὶ τίνος ἢ σκέψις; περὶ καθήκοντος.] παραχωρήσαντι δὲ μενετέον εἰς ἅπαν ἐπὶ τῆς τηρήσεως ἢ ἔστιν ὅτε ἀποστατέον, τὰ δ’ ἀκόλουθα προσδεκτέον καὶ (25) τὰ μαχόμενα οὐ προσδεκτέον; { – } Ναί. { – } Ἀλλὰ λέγει τις ὅτι ‘ποιήσω σε δυνατοῦ δεξάμενον ὑπόθεσιν ἐπ’ ἀδύνατον ἀπαχθῆναι’. πρὸς τοῦτον οὐ συγκαθήσει <ὁ> (26) φρόνιμος, ἀλλὰ φεύξεται ἐξέτασιν καὶ κοινολογίαν; καὶ τίς ἔτι ἄλλος ἔστι λόγῳ χρηστικὸς καὶ δεινὸς ἐρωτήσει καὶ (27) ἀποκρίσει καὶ νῆ Δία ἀνεξαπάτητός τε καὶ ἀσόφιστος; ἀλλὰ συγκαθήσει μὲν, οὐκ ἐπιστραφήσεται δὲ τοῦ μὴ εἰκὴ καὶ ὡς ἔτυχεν ἀναστρέφεται ἐν λόγῳ; καὶ πῶς ἔτι (28) ἔσται τοιοῦτος οἶον αὐτὸν ἐπινοοῦμεν; ἀλλ’ ἄνευ τίνος τοιαύτης γυμνασίας καὶ παρασκευῆς φυλάττειν (29) οἷός τ’ ἔστι τὸ ἐξῆς; τοῦτο δεικνύωσαν καὶ παρέλκει τὰ θεωρήματα ταῦτα πάντα, ἄτοπα ἦν καὶ ἀνακόλουθα τῇ προλήψει τοῦ σπουδαίου. (30) Τί ἔτι ἀργοὶ καὶ ῥάθυμοι καὶ καθροὶ ἔσμεν καὶ προφάσεις ζητοῦμεν, καθ’ ἃς οὐ πονήσομεν (31) οὐδ’ ἀγρυπνήσομεν ἐξεργαζόμενοι τὸν αὐτῶν λόγον; { – } Ἄν οὖν ἐν τούτοις πλανηθῶ, μή τι τὸν πατέρα ἀπέκτεινα; { – } Ἀνδράποδον, ποῦ γὰρ ἐνθάδε πατήρ ἦν,

ἴν' αὐτὸν ἀποκτείνης; τί οὖν ἐποίησας; ὁ μόνον ἦν κατὰ τὸν τόπον (32) ἀμάρτημα, τοῦτο ἡμάρτηκας. ἐπεὶ τοι τοῦτ' αὐτὸ καὶ ἐγὼ Ῥούφω εἶπον ἐπιτιμῶντί μοι ὅτι τὸ παραλειπόμενον ἐν ἐν συλλογισμῶ τινι οὐχ εὔρισκον. 'Οὐχ οἶον μὲν', φημί, <εἰ> τὸ Καπιτώλιον κατέκαυσα, ὁ δ' 'Ἀνδράποδον', (33) ἔφη, 'ἐνθάδε τὸ παραλειπόμενον Καπιτώλιόν ἐστιν'. ἢ ταῦτα μόνα ἀμαρτήματά ἐστι τὸ Καπιτώλιον ἐμπρῆσαι καὶ τὸν πατέρα ἀποκτείνειν, τὸ δ' εἰκῆ καὶ μάτην καὶ ὡς ἔτυχεν χρῆσθαι ταῖς φαντασίαις ταῖς αὐτοῦ καὶ μὴ (33) παρακολουθεῖν λόγῳ μῆδ' ἀποδείξει μῆδ' ἐπισημασίᾳ μῆδ' ἀπλῶς βλέπειν τὸ καθ' αὐτὸν καὶ οὐ καθ' αὐτὸν ἐν ἐρωτήσῃ καὶ ἀποκρίσει, τούτων δ' οὐδὲν ἐστὶν ἀμαρτήματα;

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE DE APHRODISIAS. *On Aristotle's "Topics 1"*. Trad. J. M. van Ophuijsen. Cornell: Cornell University Press, 2001.

ALEXANDRE DE APHRODISIAS. *On Aristotle's Prior Analytics*. Trad. I. Mueller. Bristol: Bristol Classical Press, 2006.

ARISTÓTELES. *Metaphysics, vol. 1 e 2*. Trad. H. Tredennick, H. G. C. Armstrong. Harvard: Loeb Classical Library, 1933-5.

ARISTÓTELES. *Posterior Analytics. Topica*. Trad. H. Tredennick; E. S. Forster. Harvard: Loeb Classical Library, 1960.

ARISTÓTELES. *Categories. On Interpretation. Prior Analytics*. Trad. H. P. Cooke; H. Tredennick. Harvard: Loeb Classical Library, 1960.

ARISTÓTELES *The Art of Rhetoric*. Trad. J. H. Freese. Harvard: Loeb Classical Library, 2006.

ARISTÓTELES. *Politics*. Trad. H. Rackham. Harvard: Loeb Classical Library, 1932.

ATHERTON, C. *The Stoics on Ambiguity*. VCambridge: Cambridge University Press, 1993.

de Crisipo sobre a *phantasia* – adotada desde então pelo Estoicismo – é que ela tem duas facetas: uma sensível (pois, como dissemos, trata-se de uma modificação da faculdade diretiva) e outra virtual (pois a essa modificação é afixado um juízo, que descreve e avalia aquilo que efetuou a modificação). Assim sendo, parece-nos que a palavra “representação” (que possui, de acordo com o *Aurélio*, o sentido filosófico geral de “conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento”) serve para o nosso propósito e por ela traduziremos *phantasia*.

<sup>45</sup> *Tò kath'hautòn kaì ou kath'hautòn*: Souilhé traduz a frase por “ce que s'accorde ou non avec sa propre position”; Dobbin, por “what's appropriate and inappropriate in one's own case”; Oldfather, explicativamente, por “what is consistent with one's position or inconsistent”.

BARNES, J. *Logic and the Imperial Stoa*. Leiden: Brill, 1997.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of Eminent Philosophers, vol. I, II*. Trad. R. D. Hicks. Harvard: Loeb Classical Library, 1925.

EPICETETO. *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian (Books I, II, III & IV); Fragments; Encheiridion*. Trad. W. A. Oldfather. Cambridge: Loeb, 2000.

EPICETETO. *The Discourses as reported by Arrian (Books I, II, III & IV); Fragments; Encheiridion*. Trad. W. A. Oldfather. Cambridge: Loeb, 2000.

EPICETETO. *The Discourses of Epictetus, with the Enchiridion and Fragments*. Trad. George Long. Londres: George Bell & Sons, 1877.

EPICETETO. *Entretiens; Livre I*. Trad. Souilhé. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

EPICETETO. *Epictetus: Discourses, Book I*. Trad. Dobbin. Oxford: Clarendon, 2008.

Hadot. Une clé de Pensées de Marc Aurèle: les trios topoi philosophiques selon Epictète. IN: Les Études Philosophiques, 1, 1978, p. 63-85.

FREDE, M. Stoics and skeptics on clear and distinct impressions IN: Skeptic Tradition. M. Burnyeat (ed.). Berkeley: University of California Press, 1983.

INWOOD, B; GERSON, L. P. *Hellenistic Philosophy: Introductory Readings*. Indianapolis: Hackett Publishing Co., 1988.

LESSES, G. Cause and Stoic Impressions. IN: Phronesis vol. XLIII/1, 1998.

Annas, J. *Hellenistic Philosophy of Mind*. Berkeley: University of California Press, 1991.

LONG, A. Representation and the self in Stoicism. IN: Companions to Ancient Thought 2: Psychology. Stephen Everson (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LONG & SEDLEY. *Hellenistic Philosophers, vol. I & II*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SEXTO EMPÍRICO. *Against the Logicians*. Trad. R. G. Bury. Harvard: Loeb Classical Library, 1935.

SEXTO EMPÍRICO. *Outlines of Pyrrhonism*. Trad. R. G. Bury. Harvard: Loeb Classical Library, 1933.

SEXTO EMPÍRICO. *Against the Professors*. Trad. R. G. Bury. Harvard: Loeb Classical Library, 1949.

SCHWEIGHAUSER. *Epictetee Philosophiae Monumenta*. 3 vol. Leipsig: Weidmann, 1799.

SIMPLÍCIO. *Commentaire sur le Manuel d'Épictète, Introduction et édition critique du texte grec*. Introdução e edição crítica: Ilsetraut Hadot. Leiden: Brill, 1996.

SORABJI, R. Perceptual Content in the Stoics. IN: *Phronesis*, vol. XXXV/3, 1990.

VON VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta* vol. 1: Zeno or Zenonis Discipuli. Berlim: De Gruyter, 2005.

VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta* vol. 2: Chrysippi Fragmenta Logica et Physica. Berlim: De Gruyter, 2005.

VON ARNIM, H. *Stoicorum Veterum Fragmenta* vol. 3: Chrysippi fragmenta moralia. Fragmenta Successorum Chrysippi. Berlim: De Gruyter, 2005.